



## A natureza na physis em Hadot e na Ontopsicologia com Vidor

Claudiane Weber <sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa apresentar o conceito da história da ideia de natureza, pelo enfoque da obra “O Véu de Ísis” de Pierre Hadot. Em contrapartida, para essa análise, o conceito de natureza, em como é entendido na Ciência Ontopsicológica com Alécio Vidor. Entende-se que a visão integral do ser humano não pode prescindir de uma visão da natureza, do qual é partícipe e constituinte. Talvez assim se possa resgatar à interioridade (sem, contudo, esquecer o mundo circundante) como princípio único do humano e do universo, em continuidade.

**Palavras-chave:** Filosofia da natureza. Forma. Vida. Ciência.

### Psychology and Ontology as assumptions to knowledge and evolution of the human being

**Abstract:** This paper aims to present the concept of the history of the idea of nature, approaching with the work "The Veil of Isis" by Pierre Hadot. In contrast, for this analysis, the concept of nature, as it is understood in the Ontopsychological Science with Alécio Vidor. It is understood that the integral vision of the human being can not dispense with a vision of nature, of which he is a participant and constituent. Perhaps this way it can be rescued into the interior (without, however, forgetting the surrounding world) as the single principle of the human and the universe, in continuity.

**Keywords:** Philosophy of nature. Form. Life. Science.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, ECA – USP. Pós-graduada em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo – RU. E-mail: [clauweber@gmail.com](mailto:clauweber@gmail.com)

<sup>2</sup> Agradeço ao Prof. Alécio pela revisão crítica deste texto, embora algumas de suas palavras tenham sido conselhos para a vida, incluída a de pesquisadora que se inicia, e aplicáveis não somente ao texto.

## 1 INTRODUÇÃO

Objeto deste artigo é a *natureza*. Serão abordados determinados tópicos elementares do tema epigrafado, em base a *physis*, na obra “O Véu de Ísis” de Pierre Hadot e na Ciência Ontopsicológica com Alécio Vidor.

Justifica-se que com esses pensadores à mente, pode-se resgatar elementos que deem acesso ao conhecimento interior, sem, contudo, esquecer o mundo circundante. Não obstante, todos os grandes sistemas antigos, medievais, modernos e contemporâneos sempre incluem em seus tratados filosóficos a natureza como parte essencial.

Embora este artigo seja um exercício de reflexão, de pensamento crítico, na busca de um diálogo entre dois autores, é essencial ter em mente o que frisa Vidor (2016)<sup>3</sup> “não convém adaptar a Ontopsicologia à cultura existente. É necessário demonstrar que a Ontopsicologia é o fundamento e o critério para discernir o que serve da cultura para cultivar a vida.”

O texto, na fase inicial da reflexão filosófica, parte da filosofia da natureza ou do mundo. A filosofia da natureza começa pela análise daquilo que representa o dado fundamental da consciência do ser humano: ser ou estar-no-mundo.

Como discussão, nos próximos tópicos, a visão integral do ser humano não pode prescindir de uma visão da natureza, do qual é partícipe e constituinte. Inicialmente, far-se-á uma breve apresentação dos autores, suas obras e campos de estudos.

### 1.1 OS AUTORES

#### **Alécio Vidor**

Brasileiro. Teólogo, pedagogo, filósofo e ontopsicólogo.

Em 1978, iniciou o trabalho de ontoterapeuta no Brasil, sob autorização e orientação do professor e cientista italiano Dr. Antonio Meneghetti. No mesmo ano, participou na Itália da fundação da Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO), hoje uma ONG com caráter consultivo especial junto ao ECOSOC das Nações Unidas. E no Brasil participou da formação da Associação Brasileira de Ontopsicologia. Professor em diversas instituições brasileiras.

Professor Vidor, foi reconhecido pelo cientista Antonio Meneghetti, que formalizou a Ciência Ontopsicológica nos últimos 40 anos, como autor que após anos de análise e

---

<sup>3</sup> Frase escrita à mão por Alécio Vidor na margem do texto para a autora.

confronto, é o autor que auxilia a compreender os elementares critérios do pensamento ontopsicológico. A Ontopsicologia é conhecimento epistêmico que se coloca em alternativa a todo o pensamento clássico, e se confirma pela evidente conexão com aquele real que a consciência do Eu perdeu há tempo.

Ontopsicologia<sup>4</sup> é uma ciência interdisciplinar e epistêmica cujo objeto de estudo é a atividade psíquica, inclusa a compreensão do ser da atividade psíquica. Essa ciência mede o real segundo a função homem.

O escopo da Ontopsicologia é a investigação e a demonstração da capacidade de conhecer o real de modo verdadeiro e reversível, ou seja, com nexos ontológico: do conceito ao objeto e vice-versa. Em base a décadas de pesquisas, constatou que o erro que vicia a possibilidade do conhecimento crítico não está na natureza das faculdades intelectivas e volitivas do ser humano, mas no processo formativo e reflexivo da consciência. Portanto, para que a filosofia e a ciência possam ser funções de referência segura, real e evolutiva para o ser humano, faz-se necessária a revisão da consciência de seus operadores, técnica esta que se denomina psicoterapia de autenticação.

### **Pierre Hadot**

Francês. Filólogo, historiador e filósofo foi diretor da *École Des Hautes Études En Sciences Sociales* (EHESS) e professor *no Collège de France*, em que ocupava a cadeira de História do Pensamento Grego e Romano, passando ser professor honorário a partir de 1991.

Hadot defendia que a leitura de obras filosóficas da antiguidade clássica deveria ser feita sob uma mudança de perspectiva, deveria ser a prática de exercícios espirituais (atividade -racional ou imaginativa- que visa modificar - em si ou em outros - a maneira de ver o mundo), uma vez que a Filosofia era um modo de vida, e quem a seguisse era tão filósofo quanto àquele que a escrevera, que a defendera. Para o filósofo francês a filosofia antiga propôs à humanidade uma arte de viver, por outro lado, a filosofia moderna aparece, sobretudo, como a construção de um jargão técnico reservada a especialistas. Defendendo, então, que somente aquele que é capaz de um verdadeiro encontro com o outro é capaz de um encontro autêntico consigo mesmo.

---

<sup>4</sup> Saiba mais em <http://www.onto.net.br/index.php?title=Ontopsicologia>

A obra, *O Véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*, de autoria de Pierre Hadot, se concentra em tecer sobre um aforismo, que segundo o autor, frequenta a filosofia ocidental desde o início: o de Heráclito, que afirma que "**a Natureza ama ocultar-se**". Hadot, de acordo com o prefácio de sua obra, relata que se debruçou em muitos anos de trabalho e pesquisa sobre a noção de segredo da Natureza, e essa deveria ser compreendida na perspectiva desse aforismo. Trabalhou nos três aspectos do mesmo fenômeno: a história da exegese do fragmento de Heráclito, a evolução da noção de segredo da natureza, a figura de Ísis na iconografia e na literatura. Trata-se antes de tudo de uma obra histórica, que se refere especialmente ao período que vai da Antiguidade ao início do século XX, e que pela metáfora da revelação, refaz a evolução das atitudes do homem com relação à natureza.

## **2 A RELAÇÃO HOMEM – NATUREZA (AMBIENTE)**

Hadot no sub-capítulo “Da *Physis* a natureza”, condensa o propósito de Heráclito sobre a *physis*. Para o pensador grego a *physis* designa seja a ação expressa pelo verbo *phyesthai*: nascer, crescer, avançar, seja seu resultado. A imagem primitiva evocada por essa palavra parece ser a do crescimento vegetal: é ao mesmo tempo o *avanço* que *avança* e o *avanço* que terminou de *avançar*. A representação fundamental que se exprime nessa palavra é, pois, a de um surgimento espontâneo das coisas, de uma aparição, de uma manifestação das coisas resultante de sua espontaneidade. Mas, pouco a pouco, imagina-se um poder que produz essa manifestação.

De um modo geral, segundo Hadot, em seus primeiros empregos, a palavra *physis* é acompanhada de um genitivo: o nascimento *de*, o aspecto *de*. Ou seja, a noção é sempre referida a uma realidade geral ou particular. Como vimos, Empédocles fala do nascimento (*physis*) das coisas, e Parmênides, por sua vez, do nascimento do éter.

Hadot continua a sua análise histórica através dos tratados hipocráticos de medicina. Nesses que datam do século V a.C., a palavra corresponde muitas vezes a constituição física própria de um paciente, naquilo que provem o nascimento. Esse sentido vai se ampliando aos poucos, aos caracteres próprios de um ser, à sua maneira de ser original, logo normal: o que ele é “de nascimento”, o que lhe é congênito, ou ainda à matéria de que é constituído um órgão, ou enfim, ao organismo como resultado do crescimento.

Já em Platão e Aristóteles, a palavra *physis* acompanhada do genitivo irá finalmente significar o que chamamos de a natureza de uma coisa, sua essência.

Será a partir do século V a.C., na sofística, no corpus hipocrático, e em seguida em Platão e Aristóteles, que se começará a ver o aparecimento de usos absolutos da palavra *physis*. Aqui *Physis* não será mais a forma de alguma coisa, mas designará o processo de formação ou seu resultado, em geral tomado abstratamente.

Após essa premissa inicial de Hadot, partimos para o enfoque da Ontopsicologia com Vidor, para quem, ao usarmos o termo natureza, sempre inclui a natureza humana.

A natureza é a espécie que identifica uma pluralidade de indivíduos. A natureza, portanto, se coloca antes de nós e é no interior dela que nós existimos. A natureza dá forma humana e por natureza nós somos todos iguais. A natureza é a essência através da qual acontece a presença pessoa (VIDOR, 2009, p. 153).

O ser humano pertence ao grande projeto da vida, é posto e por ela é sustentado. Meneghetti (2011, p. 19) busca o significado do termo *vida* que deriva dos antigos pais da linguagem quando as simbolizavam em sua verdade. *Vida* deriva do termo *vis* que significa “*força, impulso, ímpeto, potência*. *Vis* como vida: a vida é o lugar da *vis*, o lugar da força”. *A vida então é potência, força, impulso, é o primeiro ponto de partida, isto é, aquilo que “dá origem a tudo o que nasce”* (VIDOR, 2013b). Ou seja, não apenas nasce mas a força continua, faz constantemente nascimento no movimento dinâmico e contínuo da *vis*. Essa é uma força que escorre sempre, é constante movimento de nascimento. E, “tudo o que nasce pertence à natureza, natureza significa, aquilo que se origina nascendo” (VIDOR, 2013b). Em Meneghetti *natureza* significa “o que surge por nascimento. Como o nascido, o feito, escorre ou age per si. O que é e faz por nascimento das leis universais aplicadas a um contexto preciso” (MENEGETTI, 2012, p. 185).

O ser humano pertence a esta ordem universal, logo possui dentro de si a força que escorre sempre e age por si. E, “dentro da natureza tem um ser que tem a competência, o potencial de ser o reflexo inteligente desta natureza” (VIDOR, 2013b). Dentre os seres vivos, o homem é o ser que possui a capacidade de reflexão, de compreensão, possui a capacidade de, sendo parte desta ordem, compreendê-la para fazê-la evoluir criativamente dentro desta ordem universal da vida (VIDOR, 2013a).

Segundo depoimento de Meneghetti<sup>5</sup>,

A natureza não tem opinião, tem projetos, eternamente fiel a si mesma. Na natureza, todo ser vivo, seja animal ou planta, sabe exatamente o que fazer em cada momento. Todos os seres fazem parte da mesma ordem universal, existe uma unidade de ação que é a mesma em todos os seres. É impossível o homem viver fora do seu habitat, ele é constantemente o nutriz, o homem nesse sentido, não possui

---

<sup>5</sup> Meneghetti in A ESSÊNCIA da Ontopsicologia. Direção de Associação Internacional de Ontopsicologia - AIO. Roma, Itália: AIO, [2012?]. Color. Legendado. Disponível em: <<https://youtu.be/a3zYLJVGe0>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

autonomia, depende do dinamismo da vida, da sua constante ação. É parte desse contexto da vida, é gerado por ela e constantemente alimentado por ela. Nós fazemos parte deste projeto, esta parte do projeto é inflexível, inderrogável, não podemos contradizê-lo, senão a pena é a morte, é a autodestruição. Uma outra parte deste projeto é livre, é aberta, podemos continuá-lo, podemos continuá-lo em evolução infinita, desde que não seja jamais contraditada a base elementar deste projeto. É escrito com a simplicidade das leis universais do cosmos (MENEGHETTI, [2012?]).

É essencial ao homem ter a compreensão disso, porque dele depende a realização de sua função como espécie nesta ordem universal da vida. O homem é parte da natureza e para participar desta ordem deve partir da seguinte premissa: para “ser um instrumento exato, deve seguir a intencionalidade de natureza”<sup>6</sup> (2011, p. 12). Analisando o conceito de homem, pode-se compreender que também remete a sua constituição terrena, conforme Meneghetti (2012, p. 128)

Lat. *homo*, da *humus* = terra, terrestre. Lat. *Esse in humo* = o ente localizado e feito no e do planeta Terra. Unidade de ação histórico -espiritual construída por um projeto ôntico em acontecimento terrestre, com faculdade ou funções inteligentes, racionais, emocionais, biológicas. Individuação histórica localizada no planeta Terra, com propriedades sinérgicas de matéria e inteligência ôntica.

O ser humano além de ser constituído pelo húmus terrestre está nele; assim o corpo para o ser humano é a sua primeira terra, a sua primeira casa, assim como a terra é o seu lugar, a sua morada. E, se o homem não estiver nesta ordem, conforme a sua função perde a sua força, perde a *vis*.

Deste modo, ainda para Vidor, também a alma do homem é conexa com a alma do mundo, o corpo do homem é semelhante a tudo que existe na natureza e o homem possui assim como a árvore a capacidade de vir a tornar-se o que é. Ou seja, o desenvolvimento do homem segundo a sua própria identidade para ser um ente realizado aqui e agora. O homem deve coincidir com o que ele é, sabe e faz.

## 2 O VÉU

Segundo Hadot há um aforismo que frequenta a filosofia ocidental desde o início: o de Heráclito, que afirma que "**a Natureza ama ocultar-se**".

As três palavras gregas: *physis kryptesthai philey*, pronunciadas e escritas por Heráclito, serão sempre densas de sentido, densas de sentido como a Natureza; elas gostam de se ocultar.

---

<sup>6</sup> *Intencionalidade de natureza*: o modo no qual se especifica a intencionalidade na existência aqui e agora; a [forma](http://www.onto.net.br/index.php?title=Intencionalidade) que especifica, tipifica, individua e define os modos de acontecimento daquele existente. Veja mais em: <http://www.onto.net.br/index.php?title=Intencionalidade>

É importante destacar, sempre nas palavras de Hadot, que o termo *philein* (amar), encontrada diversas vezes nos escritos de Heráclito, aqui não pode ser confundido a palavra “ama” (*philey*) com um sentimento. Pois não significa um sentimento, mas uma tendência natural ou habitual, um processo que se produz necessariamente ou frequentemente.

Então o sujeito que “se oculta habitualmente” que tem “a tendencia a se ocultar”, é a *physis*. Palavra que na época de Heráclito tem um sentido muito rico, mas que certamente não representa a Natureza como conjunto ou princípio dos fenômenos. Para a época tem dois sentidos principais. Pode significar a constituição, a natureza própria a cada coisa, e, de outro, o processo de realização, de gênese, de aparição, de crescimento de uma coisa (HADOT, 2006).

Em Hadot, o primeiro sentido (a constituição, a natureza própria a cada coisa), é bem atestado por Heráclito que declara, que seu próprio método consiste em dividir cada coisa de acordo com a natureza, que quer dizer, talvez, dividir cada coisa revelando a coincidência dos contrários que é própria a cada coisa. Entendendo-se a *physis* com esse sentido, pode-se supor que “se ocultar” se relaciona à dificuldade de descobrir a natureza própria de cada coisa.

Em Vidor, podemos entender que essa constituição, essa natureza de cada coisa, ou mesmo o processo de realização, está atrelada ao homem. Segundo o autor, é através do “homem que se transcreve toda a realidade da natureza e, por isto, basta que o homem conheça a si mesmo, conforme sugeria Sócrates, para que se torne conhecimento tanto real humano como mundano.”

Se para Hadot “se ocultar” se relaciona “à dificuldade de descobrir a natureza própria de cada coisa.” Para Vidor “A natureza é o visível oriundo de um principio invisível, este principio invisível só é perceptível mediante seus efeitos, ao se expor como natureza.” Vidor acrescenta “A natureza, ao se expor em existência, estabeleceu regras primarias que nenhuma sociedade ou crença tem o direito de ofender porque a lei fundamental é a conservação da existência.”

Em Heráclito as palavras *kryptein* ou *kryptesthai* podem ter o sentido de “ocultar ao conhecimento”. Assim, é bem possível que o sentido do aforismo seja “A natureza (no sentido de a constituição própria, a força própria, a vida da coisa) ama ocultar-se, não ser aparente”. Admitir-se-ia assim duas nuances- ou: a natureza das coisas é difícil de conhecer; ou: a natureza das coisas exige ser escondida, quer dizer, o sábio deve escondê-la.

Nesse ponto corrobora Vidor com auxilio do Humanista Maslow; quando usamos o termo natureza, nós a entendemos tanto em sentido universal, denominando-a natureza cósmica ou mundana, quanto em sentido específico, como individual (MASLOW, 1971,

p.15). Maslow ainda afirma que “a natureza interna de cada pessoa é, em parte singularmente sua e, em parte, universal da espécie.”

Admite-se assim, que a nuance “a natureza das coisas é difícil de conhecer” esteja mais próxima da zona de convergência desses dois autores.

Entretanto, também podemos compreender *physis* no segundo sentido, como processo, isto é, no sentido de aparição, de nascimento de uma coisa e das coisas. Para Hadot, a exemplo de Empédocles: se os homens consideram que a palavra *physis* designa o processo graças ao qual uma coisa começa a existir, eles se enganam: a *physis* é processo de mistura e de distinção de coisas preexistentes. *Physis* significa o processo pelo qual as coisas aparecem. Portanto o aforismo poderia significar: “O processo de nascimento e de formação tende a se ocultar”. Continua-se sempre no registro da dificuldade do conhecimento. E compara-se com outro aforismo de Heráclito: “Os limites da alma, indo em teu caminho, não poderás encontrar, mesmo explorando todas as vias: neste ponto seu *logos* é profundo” Ou seja, *physis* é idêntica ao *logos*, isto é, ao sopro que une os contrários.

Se formos ler essa passagem, de Empédocles, na obra O Véu de Ísis, de que “a *physis* é processo de mistura e de distinção de coisas preexistentes”, sob o enfoque de Vidor, podemos afirmar que há de certo modo uma convergência, quando este afirma sobre o processo de ocultamento da natureza humana. Para o brasileiro, quando se fala de natureza, a referência que se tem dado é apenas ao externo, quando não deveria ser assim. Não se leva em conta a *natureza humana*; que precisa se integrar nessa natureza ecológica externa. Porque a natureza dá o teor de como a natureza fez nascer, de como o *nous*, natureza - *nous*, deu origem ao nascimento. Mas o nascimento, quando se nasce já se está integrado a um conjunto: num conjunto terra, num conjunto sol, num conjunto astros, num conjunto ambiente. Aquilo tudo já foi antecipadamente predisposto para dar origem a nós. Então tem uma continuidade dentre o humano e o ambiente. E se eu sei bem o humano, e cultivo bem o humano, eu vou tratar o ambiente em benefício do humano. Há sempre essa redundância (VIDOR, 2013a).

Continuamos a análise com Hadot, para ele a palavra do aforismo *Kryptesthai*, do verbo *kryptein*, ou na formula média *kryptesthai*, pode significar sepultar, como o verbo *kalyptein*. A célebre Cálipso que reteve Ulisses, (aquela que oculta), isto é a deusa da morte. Portanto, *physis* poderia designar o nascimento, a palavra *kryptesthai*, poderia evocar a desaparecimento, a morte. Assim haveria aqui uma oposição entre o nascimento e a morte, a aparição e o desaparecimento.

Haveria ainda duas formas possíveis de antítese. Poderia se supor que *physis* e *kryptesthai* entendem-se num sentido ativo, e teríamos o seguinte sentido: “O que faz nascer

tende a fazer desaparecer”. Ou seja, é a mesma força que faz nascer e que faz desaparecer. Ou se admitindo as duas palavras com sentido passivo, a palavra *physis* poderia designar o resultado do processo de formação. “O que resulta do processo de nascimento tende a desaparecer” ou “a forma aparecida tende a desaparecer”.

Para Vidor, é uma ética da vida. Segundo ele, na natureza existe uma ordem, esta ordem estabelece a ética, ou seja, o modo de relação e, é apenas neste contexto que existem os mais fortes. “Na natureza tem uma ética que onde há mais vida há mais direito. É uma ética da natureza [...] em que prevalece aquele que tem mais vida, mais força. Na vida não tem o programa, o projeto do erro, ela é sempre a exatidão” (VIDOR, 2013a).

Na visão de Hadot, resumidamente temos cinco traduções possíveis da frase enigmática das palavras gregas: *physis kryptesthai philey*, ou seja, *a Natureza ama ocultar-se*, na árdua tarefa de tentar compreender Heráclito:

1. A constituição de cada coisa tende a se ocultar (= é difícil de conhecer).
2. A constituição de cada coisa quer se ocultar (= não se quer revelar).
3. A origem tende a se ocultar (= a origem das coisas é difícil de conhecer).
4. O que faz aparecer tende a fazer desaparecer (= o que faz nascer tende a fazer morrer).
5. A forma (aparência) tende a desaparecer (= o que nasceu quer morrer).

Ainda para Hadot, as duas últimas traduções são provavelmente as mais próximas da que Heráclito quis dizer, pois tem o caráter antitético que caracteriza seu pensamento. A realidade é tal que em cada coisa há dois aspectos que se destroem mutuamente, por exemplo, a morte é a vida e a vida é a morte.

#### **4 A CONSTITUICAO DA NATUREZA HUMANA E O VÉU DE ISIS**

Depois de ter visto como a interpretação tradicional do aforismo de Heráclito, intimamente ligado à ideia de segredo da natureza, vemos agora a Natureza que oculta seus segredos personificada sob os traços de Ísis, identificada como Ártemis ou, na cultura latina, com a Diana de Éfeso. Segundo textos da Antiguidade de São Jerônimo: “Os Efésios honram Diana, não a famosa caçadora, mas a Diana dos seios múltiplos, que os Gregos chamam polymaston, a fim de fazer crer por essa imagem que ela alimenta todos os animais e todos os seres vivos.” Dada sua identificação com Ártemis, a estátua de Ísis representava uma mulher portando um véu. A Natureza será representada sob a figura feminina que traz na cabeça uma

coroa e um véu, apresenta numerosos seios e tem a parte inferior do corpo encerrada numa bainha estreita sobre a qual vemos figuras de diferentes animais.

No decorrer dos séculos o véu de Ísis é interpretado como símbolo dos segredos da natureza. No entanto, muitas vezes Ísis representava os fenômenos naturais, e seu desenvolvimento simbolizava os progressos de uma ciência dominada por uma concepção mecanicista da natureza, não aplicava-se qualquer afirmação metafísica concernente à natureza.

Para Vidor, numa visão mais metafísica, por natureza, em seu sentido primário e universal entende-se a ação que dá origem ao nascimento (*natus + orior*). A natureza é tudo o que nasce da ação da vida. Quando a vida põe o ato, ela cria uma estrutura. Essa estrutura tem uma centralidade que está em continua modificação. O homem em sua natureza não tem uma conformação definida, mas se estrutura segundo a interação ambiental numa continua variação.

Essa afirmação representa para Hadot que “A constituição de cada coisa tende a se ocultar (= é difícil de conhecer).” Podemos argumentar então que a ação da vida tende a se ocultar na continua modificação da estrutura do homem em interação ambiental.

Vidor auxilia nesse desvelamento, afirmando que este projeto individual da natureza humana se origina dentro de um contexto organizado e funcional, mais amplo, que denominamos natureza mundana. A ordem desta natureza simplesmente se reflete na humana. Já para Hadot, embora os segredos da Natureza, como diz Jean-Baptiste Boudard<sup>7</sup>, sejam reservados ao Criador “sua cabeça coberta por um véu significa, segundo a opinião dos Egípcios, que os mais perfeitos segredos da Natureza são reservados ao Criador”.

Para o filósofo e ontopsicólogo brasileiro, no homem está impressa uma organização que responde á ordem do ambiente circunstante, de modo que, ao nascer o homem já encontra o ar para respirar, o sol para aquecer, as plantas e os animais para nutrir, etc. tudo faz ver que antes de qualquer ordem social, o homem nasce integrado numa ordem universal que é prioritária para mantê-lo sadio. A forma (aparência) tende a desaparecer (= o que nasceu quer morrer).

O mundo externo, por outro lado, não é mais do que a continuidade do seu próprio corpo e por isto, corpo e ambiente confirmam que a mente que coordenou o projeto que sou é a mesma mente que deu origem e organizou o contexto que me envolve, me sustenta, pondo-me numa correlação de complementaridade indissociável. Isto leva a ver que a energia é uma.

---

<sup>7</sup> J.B. BOUDARD, *Icologie tirée de divers auteurs*, Parma, 1759, art. Nature.

O filósofo francês corrobora, nesta abordagem ontopsicológica, ao trazer à tona que a ideia de segredo da natureza e a imagem do véu do Ísis supunham a distinção entre uma aparência exterior e uma realidade que se achava por trás dessa aparência. Por isso, segundo Hadot, Goethe rejeita a oposição entre interior e exterior, em seu poema Gênio desvelando o busto da Natureza:

*A natureza tudo dá com generosidade e benevolência  
Ela não tem caroço  
nem envelope  
Ela é toda inteira*

Essa benevolência e generosidade são contrárias a ideia da atitude de uma Natureza que se recusava a deixar-se ver, que “amava se ocultar”. Ou seja, uma Ísis sem véu.

Na sua última quadra:

*Se conseguires que tua intuição (Anschauung)  
Penetre primeiro o interior  
E depois volte ao exterior,  
Então serás instruído da melhor maneira.*

Se Goethe se exprime dessa forma é porque está pensando não no movimento do conhecimento experimental, que partiria do fenômeno exterior para descobrir um mecanismo em alguma espécie de interior que explicasse o fenômeno, mas no movimento de gênese, de crescimento, a *physis* no sentido grego, o elo formador, o *nisus formativus*, que vai precisamente do interior para o exterior. A forma não é *Gestalt*, configuração móvel, mas *Bildung*, formação, crescimento.

Entende-se que Goethe não era favorável a ideia do gênio humano desvelando a Natureza como uma alusão à atividade científica do homem. Ou seja, que a ciência e o aperfeiçoamento dos instrumentos científicos, podem penetrar os segredos da Natureza e assim levantar o véu de Ísis.

Vidor assegura, que basta ver como sou e perceber como me torno ao contatar o mundo para compreender que eu e o mundo somos dois pólos em dialética com vistas a reencontrar o princípio que aqui nos pôs. Tanto a ordem organísmica, como a ordem circunstante refletem a mesma mente que as dispôs em recíproca interação e complementação.

Hadot valida essa passagem de Vidor, ao alegar que a Natureza aparecendo nos fenômenos originários é “mistério às claras”. Por um lado, nesses fenômenos originários, que explicam os outros fenômenos, a Natureza aparece claramente à percepção, aos sentidos esclarecidos pela intuição. Por outro lado, esses fenômenos são um limite que não se pode

transportar, não se pode ir além e submetê-los a uma explicação. Mas nessa ausência de porquê presente-se um mistério, que Goethe denomina “o inexplorável”.

## **5 DO SEGREDO DA NATUREZA AO MISTÉRIO DO SER**

Ao longo de toda a tradição filosófica que vai da época romântica aos nossos dias, a própria noção de segredo da natureza será substituída pela de mistério do ser ou da existência.

Hadot, se apóia na obra ambiciosa de Schelling “*Idades do Mundo*”, do ano aproximado de 1815. Descrevendo o movimento original de sístole e diástole, Shelling aí reconhece a “primeira pulsação do começo desse movimento alternado que anima toda a natureza visível”, que se pode observar, por exemplo, na vida da planta, na qual toda a atividade consiste em dar nascimento à semente, para recomeçar de novo, a partir desta, a produção da semente. Movimento do ser e movimento da natureza estão intimamente ligados. Para que o ser possa se pôr, possa aparecer, é preciso primeiro que se recolha em si mesmo, a fim de que haja aí um sujeito, isto é, uma base, um fundamento (Grund) para essa revelação.

Uma frase da obra *Idades do mundo* revela a transformação da noção de segredo da natureza, que se torna um momento de autoposição do ser e o mistério fundamental da existência.

Para Shelling o segredo da natureza representa não um problema que a ciência pudesse resolver, mas o mistério original do Ser, seu caráter impenetrável e inexplicável: “A natureza ama ocultar-se” significa nessa perspectiva: “O Ser originalmente num estado de contração e de não-desdobramento”. Que para Jankélévich, intérprete de Shelling: “A Natureza não é aqui outra coisa senão o Grund (o fundo), o mistério escondido da existência.

Na visão ontopsicológica de Vidor, quando se contempla tudo o que nasce vê-se que tem uma ordem, uma direção e um endereço, é a ordem, a direção e o endereço que proporcionam utilidade e sentido ao existente. A natureza humana apresenta-se como um projeto a ser construído na interação com a natureza mundana. Na verdade, a natureza mundana não é mais do que o útero da natureza humana, a ordem exposta amplificada da ordem existente no organismo, e a natureza humana é a síntese inteligente que resulta da ordem universal.

O nascimento é um produto e um componente da natureza, é um produto, enquanto eu tenho um corpo e é um componente, enquanto, eu sou um corpo. Talvez seja essa “a forma”, como se referia Hadot.

Minha tarefa, prossegue Vidor, é tentar tornar consciente a inteligência que plasmou a ordem do universo mundano e humano, sempre mediante uma tradução humana. Muito do mundo já conhecemos, embora pouco do humano compreendemos.

Uma sublime inscrição do templo de Ísis (a mãe Natureza): “Eu sou tudo que é, tudo que foi e tudo que será, e nenhum mortal levantou meu véu”.

Pelas lentes da Ontopsicologia, a natureza, em seu núcleo, é Em Si ôntico, ou seja, um princípio formal inteligente que faz autóctise histórica. Isso implica dizer que é um princípio, um início que tem uma forma que lê dentro da ação, e que faz, portanto, não está parada, está em constate movimento na ação histórica do aqui e agora.

Isto alude em aceitar que a natureza é um projeto inacabado, criado por uma inteligência que a mantém, regula e constrói segundo uma intenção transcendente que, se tornada consciente, se faz história auto realizadora.

Terminamos a nossa análise ainda em Vidor (1998), para quem O Em Si da natureza humana e o Em Si da natureza mundana convergem numa mesma inteligência que, embora inconsciente, se expõem, tanto no todo como em cada parte, sendo tudo nada mais que verbalização de um pensamento que joga escondido e quer nascer como consciência em cada um de nós.

O homem deve descobrir o que ainda está encoberto desta inteligência universal, que é um agente unitário que fala mediante a multiplicidade do que aparece. Este agente unitário não se confunde com nenhuma parte, mas está presente em todas e cada uma das partes: “A alma é toda presente no todo e toda em cada uma das partes”, dizia Aristoteles. Ou no aforismo de Heráclito "a Natureza ama ocultar-se".

## REFERENCIAS

HADOT, Pierre. **O Véu de Ísis**: ensaio sobre a história da ideia de natureza. São Paulo: Loyola, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. rev. ampl. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **O Projeto Homem**. 3.ed. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2011.

VIDOR, Alécio. A Constituição da Natureza Humana. In: VIDOR, Alécio; SEIBERT, Vicente A. (Org.). **Natureza Humana e Educação**. Frederico Westphalen: Ed. da Uri, 1998. p. 21-31.

VIDOR, Alécio. **Filosofia Elementar**. Curitiba: IESDE, 2009.

VIDOR, Alécio. **Anotações de aula**. Recanto Maestro, 2011.

VIDOR, Alécio. **Orientações**. Recanto Maestro: RS 2013a. Entrevista concedida a Claudiane Weber

VIDOR, Alécio. **Orientação para elaboração de monografia**. Recanto Maestro: RS 2013b. Entrevista concedida a Almir Francisco Foletto.

---

*Artigo submetido em: 12/08/16.  
Publicado em: 22/12/16.*